

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA		N.º 826
6.º ANNO	Braga, 12 mezes. 1\$600 " 6 " " " " " 850 Correspondencias partic. cada linha 40 Annuncios cada linha. 20 Repetição 10		Provincias, 12 mezes. 2\$000 " 6 " " " " " 1\$050 " sendo duas assignaturas 3\$600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. . 3\$600 Folha avulso 10		

BRAGA—TERÇA-FEITA 20 DE AGOSTO DE 1878

PRECES Á IMMACULADA.

No dia 22 do corrente começará o tríduo de preces que a Comissão do Sameiro manda fazer na igreja do Populo, pelas necessidades da Igreja e do seu Chefe, o Soberano Pontífice.

As necessidades da Igreja continuam na mesma gravidade em que estavam, principalmente desde o dia 20 de setembro de 1870, em que a revolução com annuência tacita das nações catholicas, penetrou pelo ferro e fogo na cidade dos pontífices. Desde este dia começou a serie de violências, desacatos e depredações que directamente atacaram o direito e auctoridade do Papa, e que cobriram de luto a Igreja, e de amargura a alma nobre do Vigario de Christo. Despojado do poder temporal, absolutamente indispensavel nas presentes circumstancias para o exercicio do poder espirital, o Papa encerrou-se no seu palacio e limitou-se áquelles actos pontificaes que nem directa nem indirectamente dependem do auxilio externo, para obrigarem os fieis ou para os dirigir nos caminhos da salvação.

O supremo poder da Igreja está na oração. Com esta arma tem vencido sempre a resistencia dos homens e triunfado de todos os obstaculos postos ao exercicio da sua divina missão.

Pedro, por quem a Igreja orava quando prisioneiro á ordem do Cezar, viu estalarem e romperem-se lhe as cadeias, pela força da oração christã.

Esta força soberana é ainda a mesma, e póde produzir iguaes prodigios. A mão de Deus é sempre omnipotente, como a sua misericordia é sempre sem limites.

Aos homens a persuasão, e a sua supplica de pae; a Deus a oração em nome da Igreja, eis as fortissimas armas de que o Summo Pontífice se serve para a victoria.

A hora do triumpho é porém incerta, e a nós que soffremos a provação e o castigo, releva abreviar a victoria, porque abrevial a é desarmar a ira omnipotente, e abrir os thesouros da clemencia infinita.

Vamos, pois, ao templo do Senhor. A occasião é propicia. A formosissima Virgem que alli está, ora connosco a seu divino Filho. Ella se interessa na paz e na victoria da Igreja, e por Ella tem esta triumphado sempre de todas as heresias.

A causa do mal.

Um jornal liberal, mas sincero e consciencioso, fazendo um paralelo entre a epocha, a que elle chama do absolutismo, e a epocha constitucional, conclue por confessar que—a nossa situação material

é melhor, mas não lhe corresponde a moral.

Outro jornal, tambem liberal, transcrevendo esta conclusão do collega, accrescenta:—«E' uma triste verdade, que importa que seja reconhecida por todos, sem o que não poderemos nutrir esperanças de caminhar para um futuro melhor, pois enquanto se não conhecer a natureza do mal, difficil será applicar-lhe o remedio».

Pedimos venia para observar, que a natureza do mal, nos parece, está sufficientemente conhecida. O primeiro dos dous collegas citados aponta-a com sufficiente clareza e verdade. A nossa epocha padece principalmente de *indifferença religiosa*, a qual traz consigo, como consequencia necessaria, a *desmoralisação dos costumes*. Esta desmoralisação actua sobre todas as classes sociaes, e sobre os proprios governos, que, quasi sem excepção (diz ainda o collega) não respeitam a lei, nem os deveres, nem a justiça; e as auctoridades, suas subordinadas, fazem o mesmo. Os laços de familia tem-se affrouxado muito; e a veniaga torpe e a burla torpissima imperam em todos e em tudo, desde os deputados, que não passam de especuladores mercadejando com as cousas mais sagradas, até ao povo, que vende o seu voto a quem lh'o compra com dinheiro ou com promessas fallazes e fementidas.

Bem conhecida está pois, repetiremos ainda, a natureza do mal, de que adoecem as sociedades modernas. O que resta a fazer é investigar-lhe as causas, porque, descobertas estas, será mais facil applicar-lhe a medicina.

Discorrendo um pouco sobre este momentoso assumpto, abrámos primeiramente a historia contemporanea. O que nos diz ella?

Diz-nos que por toda a parte onde se tem implantado o liberalismo, ali tem surtido e crescido a passos rapidos a corrupção dos costumes.

Na França, depois da revolução de 1830, a desmoralisação tornou-se tão intensa e tão geral, que aquelle paiz ponde ter a triste gloria de ser apontado por todos os outros como o mais corrompido do universo.

A Italia, unificada á sombra do liberalismo, disputa hoje, em materia de corrupção de costumes, a palma a qualquer outra nação do globo. N'um ponto excede-as talvez a todas;—é na infracção do 7.º preceito do Decalogo. O bandoleirismo da Sicilia é nada em comparação do bandoleirismo dos agentes do thesouro publico. Nos primeiros cinco mezes do anno de 1876, segundo os calculos de uma revista italiana, o dinheiro subtrahido ao Estado montava a uma somma de 15:426:103 liras! Quanto a assassinatos, e conforme os dados estatísticos apresentados pelo «Times» de Londres (fonte insuspeita) a Italia occupa inquestionavelmente o primado entre os povos civilisados da Europa, o que faz com que de «terra dos mortos»—como d'antes lhe chamavam os estrangeiros—hoje lhe chamam «a terra dos assassinos» (Vid. a «Civiltà Cattolica» de 1 de julho de 1876).

Não são muito melhores as condições moraes, em que se acha a Alemanha, especialmente a Prussia. Ainda ha bem pouco tempo que o deputado do Lasker exclamava: «A corrupção, que de ordinario infecta a mais baixa canalha, já esboe até ás classes mais elevadas. A auctoridade do estado deixa de ser garantida; reinam, pelo contrario, a desordem e o arbitrio sem principios; um bestial materialismo predomina; nós somos preza

da dissolução, e o nosso nome é vituperado fóra do paiz; prepara-se uma catastrophe espantosa!»

Os proprios Estados-Unidos da America—a republica modelo dos nossos publicistas de agua chilra—sentem-se corroidos pela depravação sempre crescente dos costumes. Ha um crime, que parece haver-se alli radicado mais do que em outro qualquer paiz; é o *infanticidio*. Um dos principaes jornaes de New-York queixava-se d'isto ainda ha pouco nos seguintes termos: «Investigações feitas recentemente mostram que o numero d'estes crimes, que se commettem entre nós, é realmente prodigioso. Medicos distinctos e experimentados nos tem affirmado que ha em New-York mais de sessenta miseraveis creaturas, que ganham o seu pão e se enriquecem mesmo roubando a vida aos recém-nascidos. Nós já ouvimos dizer que o numero d'estes vampiros é seis vezes mais elevado.... O estado da maternidade tem-se tornado, desde algum tempo a esta parte, effectivamente contrario á *Gashion*, e esta opinião, por mais trivial que pareça, produz o assassinato de uma multidão de innocentes creaturas».

De resto nos Estados-Unidos vende-se descaradamente a justiça, e tudo se sacrifica á sede de ouro; o que fez dizer a um escriptor moderno que a corrupção dos juizes é talvez o mais grave symptoma da decadencia d'aquella republica. (Consulte-se a obra de mr. Claudio Jannet, *Les Etats-Unis Contemporains*. Paris, 1876).

Ora qual será a causa d'esta desmoralisação sempre progressiva e universal? Não tememos affirmar bem alto que é o liberalismo.

E isto prova-se:—1.º Porque as doutrinas proclamadas pela escola liberal são altamente desmoralisadoras: 2.º Porque os meios empregados pela propaganda liberal para avassallar o mundo são especialmente a obliteração dos principios da moral religiosa e a corrupção systematica dos costumes publicos e privados.

Com effeito nós não conhecemos nada mais proprio para promover a desmoralisação de um povo do que os principios chamados liberaes—já a noção de *liberdade*, consoante a define a escola revolucionaria, é a cousa mais immoral que imaginar-se pode. Segundo esta escola, a liberdade é o direito, que todo o homem tem de praticar livremente o bem e o mal! E como consequencia pratica d'este principio ali estão por toda parte postos em paralelo os direitos da verdade e do erro, da virtude e do vicio, da religião e do sacrilegio—do bem e do mal n'uma palavra! O que se segue d'aqui?

Segue-se que o mal, para o qual nos arrasta sempre o desgraçado pendor da nossa natureza corrompida, vem por tim a preponderar e a triumphar sobre o bem. E é isto o que estamos hoje geralmente observando, nos paizes liberalmente regidos. A imprensa desbragadamente corruptora fazendo recuar diante das trevas, que esparze, a luz derramada pela imprensa séria e moralisadora; as associações religiosas cedendo ambas forçadamente o lugar ás sociedades secretas; os missionarios do erro e da mentira apostolando desassombradamente os principios mais subversivos e desorganizadores, ao passo que os evangelisadores da verdade e da moral são acolhidos com o sarcasmo das turbas e até com o odio dos poderes publicos!

A' vista d'isto poderemos maravilhar-nos de que o nivel moral das sociedades modernas esteja descendo constantemente?

Poderemos pasmar de que a fronte hedionda do vicio e da impudencia se levante ousada até entre os mesmos que empunham o timão da governança publica?

Mas ha mais ainda! Ha a propaganda da immoralidade e da corrupção feita systematicamente pela gente revolucionaria como meio seguro de dominar os povos!

Nós já n'este jornal citamos um illustre publicista hespanhol—Donoso Cortés—para provarmos com a sua indisputavel auctoridade que onde domina o systema liberal todos hão-de ser forçosamente corruptores ou corruptos. Preferiremos porém agora o testemunho dos proprios revolucionarios. Um d'estes diz, em 1822, traçando aos seus confrades o plano a seguir para recrutar homens para as sociedades secretas, que são os grandes vehiculos do liberalismo:—«O essencial é isolar o homem da sua familia, e fazer-lhe perder os costumes. ... Logo que um homem, e sobre tudo um principe começa a corromper-se, não espereis que elle se detenha sobre o declive... A lei do progresso social está n'isto, e toda n'isto; escuzais de a procurar n'outra parte»—Outro dizia, em 1824:—«Nós devemos fazer a *educação immoral* da Igreja!» Era sempre a desmoralisação empregada como a melhor arma de combate! E note o leitor como os nossos governos liberaes tem desempenhado á risca este artigo do programma revolucionario, preferindo para os cargos ecclesiasticos, até para os mais elevados (salvas sempre honrosissimas excepções) os membros mais relaxados do clero; o que não tem contribuido pouco para a desmoralisação do povo!...

Em 1839 ainda outro escrevia o seguinte: «Não façamos martyres, mas popularisemos o vicio.... Fazei corações viciosos, e não tereis mais catholicos. E' a corrupção em grande escala que nós havemos emprehendido, a corrupção do povo pelo clero, e do clero por nós!» (Vid. a obra de sr. Crétineau-Joly—*L'Eglise Romaine en face de la Révolution*, tom. II).

Mas basta de citações. Os factos falam ainda mais alto do que as palavras; e o facto universal e constantemente observado por toda a parte, onde se tem introduzido o liberalismo, é a corrupção empregada como meio para lhe dispôr e facilitar o triumpho.

A antiga maxima—divide e impéra—tem sido por elle parodiada, e quasi que inscripta como lemma nas suas bandeiras, nos seguintes termos: *Corrompe e domina!*

Ahi fica pois exposta a causa primaria do mal, que corroe as sociedades modernas; mal, que todos—gregos e troyanos—lamentam e confessam; mas sobre cujo verdadeiro remedio ainda, infelizmente, não estão todos concordes.

Será preciso ainda a amarga experiencia de mais alguns annos para dar vista aos cegos e desilludir os illusos? Convirá que venha emfim o Communismo, como ultima e mais fatal consequencia das doutrinas liberaes, para que os homens de espirito e coração recto aprendam emfim a conhecer e a aborrecer o monstro revolucionario?

Oh! Mas então já será tarde para salvar a humanidade; e mais uma vez se verificará o aphorismo do poeta romano:

Sero medicina paratur Cum mala per longas invaluere meras.

Desenganem-se e curem enquanto é tempo.

D. M. S.

Sob a epigrapha de *Passado e presente*, a «Nação» publica um bello artigo, do qual pedimos venia para extractar os paragraphos seguintes:

Porém, ao Portugal glorioso e gigante devia succeder o Portugal rachitico e anemico de nossos dias: apenas o libellismo levantou o collo, as nossas antigas glorias emmurhecaram ao sol esplendido da liberdade.

D. João VI parte d'esta para melhor vida de enfermidade duvidosa! D. Pedro, seu filho primogenito, maçonisa-se e adeus Brazil; foge, sem olhar para traz, das terras de Santa Cruz, onde a sua memoria fica em benção; regressa ao reino; acceta uma corôa que os estrangeiros lhe offerecem nas pontas das bayonetas; é desfeito pelos seus em pleno theatro e, depois de ter limpado o que por cá achou, morre, sem deixar saudades, d'uma molestia tambem duvidosa!

Sua augusta filha, a senhora Dona Maria da Gloria, modelo de mães e d'esposas, é ultrajada no que a mulher tem de mais precioso: aquelles mesmos que a collocaram n'um throno usurpado, não duvidam escrever em boa letra redonda: «Desgraçada, tiraste de todo a mascara... já não és... nem serás jámais soberana por amor... serás tyranna pela força... cairás do throno e levarás as joias, as riquezas... tudo... menos as saudades dos que te obedeceram!!!»

Seus augustos filhos os senhores D. Pedro, D. João e D. Fernando succumbem a febres paludosas, e o senhor D. Luiz escapa em Londres a uma outra paludosa, mas não tem escapado ao latego com que os amigos da dynastia Coburgo o estão verberando a toda a hora!

Nós, reduzidos á classe de párias na terra que nos foi berço, assistimos a este tripudiar satânico e d'este *dize tu direi eu* do liberalismo tiramos a seguinte conclusão:—Portugal está perdido, irremissivelmente perdido, se Deus lhe não acode.

Não ouvimos fallar senão em riqueza publica e o deficit caminha n'um crescendo vertiginoso; os empréstimos succedem-se uns aos outros; o negocio está paralisado e temos em perspectiva uma bancarrota!

Não ouvimos fallar senão em instrução para o povo e o povo está cada vez mais embrutecido; a navalha adquiriu fôros de cidade; a taberna regorgita de frequentadores; e quem quizer ver a moralidade da epocha leia a estatística da prostituição publica e soletre a estatística da outra prostituição que se acoberta com os vestidos immaculados da pureza; somme os homicidios, os infanticidios, os roubos, as quebras fraudulentas; consulte a imprensa humoristica e a que não tem humor e diga-nos depois onde está a instrução das massas.

BIBLIOGRAPHIA.

Está felizmente terminada a traducção e impressão da *Apologia do Christianismo*, obra immortal do sabio allemão dr. Francisco Hettinger, professor de theologia na universidade de Wurzburg.

A imprensa catholica de Portugal e do Brazil, bem como todas as pessoas cujo juizo é competente na materia, fazem a esta obra, desde que a conhecem pelo primeiro volume, não immerecidos elogios.

O que se tem dicto, porem, é pouco e fica mais áquem da realidade. Observo até, como bastante pesar, que outras publicações (fallo só das religiosas e das scientifico-religiosas) de merecimento muito sómosas ao d'esta, parecem haver despertado muito mais a attenção e merecido entre nós, logo a principio, mais interessado e sympathico acolhimento do publico.

Isto tem facil explicação.

Primeiramente, nos tempos que correm está em moda, por desgraça, descurar-se o estudo da Religião. Em segundo lugar, muitos d'aquelles mesmos que não desprezam esse estudo, e se acham, pelo contrario, bem comprehendidos da necessidade d'elle, nem porisso deixam de estar eivados do espirito de levandade e superficialidade que é um dos pronunciados caracteres d'este seculo, e, por conseguinte, mesmo quando se tracte de estudar a mais necessaria e mais sublime das sciencias, preferem livros que lhes não cancem muito o espirito, pouco ou nada disposto a arrostar com o peso e aridez de estudos serios e profundos.

Ora, a *Apologia do Christianismo* é

uma obra que aprofunda todas as questões que tracta, mas não foi escripta para espiritos levianos.

A mais notavel das defezas da Religião Catholica que tem apparecido n'este seculo, é ella, e é tambem a primeira obra d'este genero mais completa que pôde lêr-se na lingua portugueza; porem, se preenche todos os requisitos para satisfazer á intelligencia na indagação da verdade, obriga, todavia, o espirito a recolher-se e concentrar-se para estudal-a.

Se, em vista das duas razões expostas, as pessoas que hão de lêr e estudar a *Apologia* nunca serão muitas em relação ao numero de todas as que lêem e estudam, crêmos, ainda assim,—e mau signal seria succeder o contrario—que ella não tardará a ter um lugar de preferencia na bibliotheca de todo o sacerdote que não oblitera a obrigação que lhe corre de ser instruido e de procurar cada vez mais instruir-se na sciencia de seu ministerio, bem como na de todos os homens de sciencia ou que procuram adquirir-a, e que não ignoram que é impossivel obterem-na solida e verdadeira, se desprezam a da Religião. Porisso esperamos que esta obra, a publicação de maior alcance e mais importante, que ha muito tem saído de nossos prelos, se tornará vulgar entre nós, e que á sua primeira edição se seguirão algumas mais. Deus o permita para bem da Religião e da sociedade!

O snr. Chardron prestou ao paiz um serviço relevante, editando a *Apologia*; mas quem se tornou verdadeiramente benemerito das letras patrias e da Religião foi o snr. conde de Samodães.

Que horas, que dias e dias de insano trabalho não representa a traducção dos cinco volumes d'esta obra? Que vastidão de conhecimentos theologicos, philosophicos e linguisticos não supõe no extimo traductor a perfeição com que está feita?

Todavia, o snr. conde, que teve de destinar a este trabalho sómente os momentos que lhe sobram da laboriosa administração de sua casa e da cuidada educação de seus filhos, não recebeu por elle, porque não quiz receber, remuneração alguma. Seu empenho foi sómente servir a Religião e o seu paiz com aquelle zelo e dedicação de que é capaz, e de que tem dado tão eloquentes provas.

Terminamos, fazendo ao editor um pedido. A obra não é cara, e está impressa em bom papel. A composição é compacta e nitida.

N'outro qualquer paiz, mesmo em França, não se poderia pôr á venda por menor preço, se tivémos tambem em vista o grande dispendio e empate de dinheiro que importam as publicações de obras grandes.

Mas o nosso clero é pobre.

A revolução empobrecceu-o, e, mesmo depois de empobrecer-o, não se julga dispensada de chamal-o avarento!

A revolução roubou o e empobrecceu o! Empobrecceu-o para desprestigiá-lo e dificultar-lhe a instrução, apodando-o depois de ignorante!

Porisso nós pedimos ao snr. Chardron um privilegio em favor do nosso clero,—e é a faculdade de todo o sacerdote e ordinando poder comprar a obra por volume.

Esperamos que pelo menos será concedida esta vantagem aos ordinandos, pois podemos affirmar que não ha na Universidade ou nos cursos triennaes dos Seminarios alumnio algum de merecimento, que não tenha adquirido a obra, ou não deseje adquiril-a, logo que lhe seja possivel.

—*Cathecismo exemplificado*. Este livro foi em tempo escripto e publicado pelo bispo de Tortosa, D. Miguel Tratmans. Depois publicou-se no reino visinho uma outra edição, muito mais recente, revista correctá e muito augmentada pelo padre José Mach, jesuita, já muito conhecido entre nós pela vulgarisação das suas principaes obras. A traducção portugueza do *Cathecismo exemplificado* é feita sobre esta ultima edição pelo snr. dr. Francisco Luiz de Seabra, parochio de Cacia.

Que diremos nós d'este livro? Poucas palavras. Diremos sómente que não deve familia alguma deixar de possuil-o, e de ensinar por elle a seus filhos e domesticos os rudimentos e o necessario conhecimento da Religião. Diremos sómente que este livro é o mais aduado que se tem publicado entre nós para servir de compendio de ensino religioso nas escolas de instrução primaria, e ainda em algumas da secundaria.

O dever está indicado: cumpram-n'o agora aquelles aos quaes toca cumpril-o.

Semeiem e trabalhem, se querem colher. Na falta de educação religiosa se encontra, em ultima analyse, a causa e a razão de todos os males que soffremos, temos soffrido e soffreremos ainda. Pelo mesmo motivo, só da educação religiosa da geração que vem indo e das que hão de vir é que pode esperar-se mais tarde o remedio para esses males: a que vem vindo ainda nos ha de levar á republica, isto é, á anarchia e á desordem, e quem sabe se ficaremos ali!

E. A.

CONTRA-ANNUNCIO

A Comissão do Monumento do Sameiro tendo conhecimento de que a Meza do Sanctuario tenciona começar em breve a obra da restauração do templo do Bom Jesus, resolveu hoje não levar a sagrada Imagem para aquella egreja, nem fazer por enquanto a peregrinação annunciada.

Far-se-ha todavia na egreja do Populo o triduo de preces que estava annunciado para os dias 22, 23 e 24 do corrente, bem como a festividade no templo do Bom Jesus no dia 25, e o Clamor ao Monumento do Sameiro, na forma dos annos anteriores.

Sessão de hoje 19 de agosto de 1878.

O Secretario,

Padre José Silverio da Silva.

GAZETILHA

MONUMENTO DO SAMEIRO.

A Comissão do Monumento do Sameiro reconhecendo quanto é urgente o concluir-se a construcção das paredes da nova capella que se está edificando no cimo do monte, e que hade receber a Sagrada Imagem da Virgem Immaculada, que temos entre nós, appella confiadamente para a devoção de todos os fieis, e ousa lembrar-lhes esta palpavel necessidade, a que de prompto devemos acudir.

O secretario.—Padre José Silverio da Silva.

Pode ser.—Tinhamos dito no numero antecedente que não podia ser verdadeira a noticia de que a Meza do Sanctuario do Bom Jesus denegasse licença para junto da Imagem da Virgem Immaculada se recolherem esmolas, ou collocar-se caixa; porem agora diremos que *pode ser*, e que com effeito assim foi: a Meza não concedeu tal licença.

Junta de parochia.—Na eleição a que ante-hontem se procedeu para a Junta de parochia, na Sé, ficaram eleitos os seguintes cavalheiros:

Vogaes effectivos

João Fernandes Valença.
José Maria Dias da Costa.
Francisco Antonio de Carvalho.
Antonio Joaquim Loureiro.
Antonio Casimiro da Costa.

Substitutos

Custodio José da Silva.
João de Sousa Guimarães.
Paulino Evaristo da Rocha.
José Antonio de Carvalho.
Domingos Gonçalves Gouvêa.

Contra-annunciação.—A Comissão do Monumento dá hoje um contra-annunciação ácerca da peregrinação ao Sanctuario do Bom Jesus, que já não pode effectuar-se em razão da pouca firmeza do tempo e das obras que vão começar dentro do anno na capella-mór da egreja.

Monte-pio de S. José.—Na assembleia geral dos socios d'este monte-pio, que teve lugar no domingo, ficou por unanimidade resolvido que seja dada aos socios doentes a prestação marcada em a nova reforma dos Estatutos, isto é uma diaria igual ás suas mensualidades.

Licença.—Ao ex.^{mo} snr. dr. Adriano Carneiro Sampaio, meretissimo juiz de direito d'esta comarca, foi concedida licença de 21 dias.

Jantar aos presos.—Os respeitaveis cavalheiros que compõem a nova camara, depois de tomarem posse, no domingo, offereceram um abundante jantar aos presos das cadeias desta cidade, para commemorarem aquelle acto.

Constituiu de sopa, cosido, arroz, assado, pão, vinho, salada, frigideiras e letria. No fim distribuiram aos presos cigarros e uma esmola em dinheiro.

Durante o jantar tocaram alternadamente as bandas de musica do regimento 8 e a dos *Artistas*.

Todo o serviço da cosinha era do acreditado restaurante do snr. Paulo José Thimothéo, da Praça Municipal.

Prisão.—O prezo que ha dias se evadira das cadeias d'esta cidade, já foi apanhado proximo a Villa Verde, na occasião em que comia uma maçã, debaixo d'um castanheiro.

Festa do Monumento.—E' assim denominada a que annualmente tem lugar no templo do Bom Jesus e no Monte do Sameiro, que domingo alli hade fazer-se com grande esplendor. Os fieis que visitarem o Monumento, tendo-se previamente disposto com a recepção dos sanctos sacramentos, lucram indulgencia plenaria que concedeu o Sancto Padre Pio IX.

Hospital de S. Marcos.—No sabbado de manhã deu entrada no Hospital de S. Marcos um individuo de S. Paio de Merelim, que n'uma desordem, que no dia antecedente tivera com outro, recebeu fortes pancadas e alguns ferimentos.

Novo jornal.—Com o titulo de «Gazeta Telegraphica», principiou a publicar-se no Porto mais um jornal, cujo primeiro n.º recebemos. Vida longa ao collega.

Estão verdes.—O figurilha do colleguita quer derriço. Pois não o terá. Quando estivermos resolvidos a desperdiçar papel, então iremos ao encontro do palermiua, que é muito delicioso. Elle sempre ha cada... jornalista!

Anjinho.—Falleceu na noite d'ante-hontem um filhinho do snr. Manoel Ignacio da Silva Braga, acreditado negociante da Praça d'Alegria. Acompanhamos o extremoso pae na dor que este acontecimento lhe causou.

Concurso.—Foi mandado abrir concurso pelo prazo de trinta dias, a contar de 1 do proximo mez de setembro, por provas publicas, que, para provimento da egreja parochial de Santo Adrião de Cabacos, do concelho da Moimenta da Beira, se mandou abrir pela portaria de 6 do corrente mez.

O rico e o pobre.—Quando o homem rico escorrega, todos correm a acudir-lhe e a levantar-o, lastimando o desastre:—se o homem pobre cae, ninguém se mexe, não acha quem lhe dê a mão, e todos se riem d'elle.

Se o rico faz o que não deve, todos o desculpam, justificam, e até lhe dão razão:—se o pobre erra por ignorancia, todos o censuram e crimina.

Para o rico ha sempre razão e louvor:—para o pobre nunca.

Quando o rico falla, todos se calam, escutam, louvam e applaudem:—se o pobre falla, ainda que diga bocallinhos de ouro e cousas manifestamente acertadas, não falta logo quem pergunte:—«quem é este pedaço d'asno?»

A honra premiada.—Estando preso no Limoeiro um homem por ter feito uma morte, e deixando-o o carcereiro ir algumas noites a sua casa sob sua palavra, vindo uma madrugada para entrar na prisão encontrou um amigo a S. Jorge, que o avisou de que se tinha no dia antecedente proferido a sentença, que o condemnava á forca, e que n'aquelle dia lh'a haviam de intimar, pelo que podia pôr-se a salvo, pois estava em termo d'isso.

O preso, porém, reflectindo um pouco, foi metter-se no Limoeiro, para não faltar á sua palavra e comprometer o carcereiro.

Indo já para a forca, foi contado o caso a el-rei D. João III, o qual lhe perdoou a morte, dizendo que não devia morrer um homem tão honrado.

Desgraça.—Noticia o correspondente de Torres Novas para o «Diario Illustrado»:

«Acaba de succeder aqui uma lamentavel desgraça que encheu de verdadeira consternação os habitantes d'esta villa.

O snr. Rafael Rodrigues de Oliveira, proprietario n'esta terra, tem na sua fabrica de massa de tomates um poço ou deposito onde costuma não só mandar deitar os residuos d'aquella massa, mas tambem algum bagaço de azeitona.

Este deposito é fundo e fechado, tendo

unicamente uma pequena abertura que dá serventia aos empregados quando necessitam ali descer. Em virtude da pouca ou nenhuma ventilação aglomera-se ali uma grande porção de acido carbonico que resulta da constante fermentação por que estão passando aquellas materias.

Hoje, um rapaz por nome Secundino Marvão, que precisou entrar dentro do referido deposito, demorou-se a tal ponto que seu irmão Francisco, prevendo alguma desgraça, o foi soccorrer, mas tão infelizmente que também foi victima de asphyxia.

D'entre os companheiros, mais dois chamados Luiz Jorge e Antonio Alho, tentaram salvá-los, mas debalde porque cahiram fulminados dentro do mesmo deposito.

Deu-se logo parte d'este sinistro ao sr. administrador do concelho, que compareceu acompanhado de algumas auctoridades e cavalheiros d'esta terra n'aquelle lugar.

Depois de desmanhada a tampa do referido deposito, foram aquellos quatro individuos tirados para fora: d'entre elles ipocotes instantes tiveram de vida os dois primeiros. Os outros ponde conseguir-se salvá-los, contribuindo muito para isso o sr. dr. Oliveira, medico-cirurgião d'esta terra, que também compareceu no lugar do sinistro.

Anedocta.—Vivia, pelos fins do ultimo seculo, um mancebo em Avinhão que, tendo-se comportado pouco christamente antes de receber pela primeira vez a Sagrada Eucharistia, por tal modo mudou, depois de sentimentos que resolveu sacrificar tudo mais depressa do que offender ao Deus que tinha tido a ventura d'hospedar em seu peito.

Bem cedo se lhe offereceu occasião de mostrar que esta resolução não era como a da maior parte dos meninos que por suas acções, ordinariamente, desmentem as promessas.

Era tempo de Quaresma, e seu pae, nada exacto em cumprir os deveres do christão, tinha mandado apromptar jantar de carne.

Offereceu ao filho que até alli não recusava seguir os maus exemplos que, neste genero, recebia; mas desta vez agradecendo em tom respeitoso, respondeu com firmeza que não podia usar das comidas que a Igreja prohibia.

—Bem, meu senhor, respondeu o pae, tão indignado como surpreso, uma vez que não quereis o que vos offereço comereis pão.

—De boa vontade, meu pae, disse o menino, a Religião me ensina que devo obedecer-vos como a Deus; quando nada me ordeneis de contrario ás suas leis, eu não serei menos submisso ás vossas ordens que ás de Deus.

Parece que uma tão sabia resposta devia desarmar a colera d'esse pae, mas como era naturalmente duro, ella nada o sensibilizou.

Não aconteceu outro tanto á mãe: mais arrazoada que o marido, não pode ver uma tal conducta sem se affligir e, para adoçar a pena a que o filho era tão injustamente condemnado, lhe levou occultamente alguns alimentos magros, exhortando-o a que comesse, que seu pae não saberia jamais.

Recusou o menino constantemente tocar-lhes; e como ella instasse vivamente:

—Não, minha mãe, lhe respondeu, eu não comerei isso que tendes a bondade de me apresentar. Meu pae disse expressamente na vossa presença que queria que eu tivesse só pão por mantimento; devo obedecer-lhe; comerei pão. Eu posso viver com pão; mas, quando fosse mister morrer de fome, preferiria a morte á desobediência.

Não pôde a mãe responder a estas palavras senão com lagrimas; mas foi referil-as ao marido, e este, finalmente, s'impressionou e enterneceu de maneira, que buscou reparar a sua injustiça e o escandalo que tinha dado, mandando que d'alli em diante se não servisse carne ao jantar, e observando fielmente as leis da Igreja toda a Quaresma.

Esta edificante anedocta, que foi contada pela propria mãe do menino, vos ensina que, se devemos resistir á vontade dos paes, quando se oppõe á de Deus, somos obrigados a submeter-nos a ella em todas as outras occasiões, por mais rigorosas ordens que recebamos: assim o fizeram sempre os filhos virtuosos e christãos.

Confissão de um assassino.—Um ancião, pelo nome de Gordall, de idade de 80 annos, cego e recolhido n'um asylo em Inglaterra, acaba de fazer uma de-

claração ás auctoridades de Londres, que ha annos elle, junctamente com um irmão seu, já fallecido, roubou e assassinou um homem na rua de Salisbury d'aquella capital, e que depois enterraram o cadaver n'um quintal que indicou. Tendo procedido á escavação, encontraram alli o cadaver, mas ainda não se sabe o nome do infeliz. O ancião disse que elle não podia morrer sem ter feito primeiro esta declaração, e pedia perdão a todos. Acha-se agora entregue ás auctoridades judicias.

Aos fabricantes de farinha.—Convem a estes fabricantes conhecer factos que chamaram a attenção da Academia de Sciencias de Paris, e tomar, por consequencias, precauções. A farinha misturada com o ar em determinadas circunstancias, ainda não bastante conhecidas, pode produzir uma grande detonação e explosão. Em 1873, removendo um moço de atafona um montão de farinha para deital-o por um declive ao andar inferior, provocou sua inflamação, devida, segundo Maumené, ás misturas gasosas detonantes, produzidas pela fermentação do montão de farinha. N'um dos moinhos movidos pelo grande salto de aguas do Niagara occorreu egual phenomeno com mais desastrosas consequencias. A velocidade comunicada pela agua ás mós do moinho fez inflamar-se a farinha e foi tal a força da explosão, que destruiu o edificio e incendiou outros dez que o cercavam. Alguma coisa analoga occorreu em Paris, na rua de la Verreire, no anno 1869. Bastou um sacco de amido em pó vertido n'uma escada para produzir uma explosão fromidavel.

Estatistica de Londres.—Segundo um dos ultimos recenseamentos, Londres tem uma população de 2.803.034 almas. A media semanal dos fallecimentos é de 1:300, de 1:800 a dos fallecimentos.

Tem 378:000 casas habitadas, 863 capellas e igrejas, 100 asylos e hospitaes, 14 prisões, 31 museus, 21 theatros, 51 clubs, 12 quarteis, 24 mercados e 12:000 ruas.

Existem alli 30:000 padeiros; 40:000 merceiros, 24:000 alfaiates 42:000 costureiras, 29:000 sapateiros e 170:000 cosinheiros, criados e criadas.

O leite é fornecido por 13:000 vaccas. Abatem-se annualmente 36:000 porcos, 20:000 vitellas, 250:000 bois, 2.000:000 carneiros, e consomem-se 4.651:000 hectolitros de trigo, 235.000:000 de ovos, 5.000:000 de aves, 6.000:000 de outras peças de caça, 3.000:000 de salmões, 2.000:000 hectolitros de cerveja, 2.660:000 hectolitros de vinho e 930:000 hectolitros de diversas bebidas.

As ruas são illuminadas por 4.000:000 bicos de gaz.

Fornecimento d'agua potavel em Paris.—A cidade de Paris é alimentada com as aguas do Sena, do Qurg e com as dos mananciaes do Vanne, do Dhuy, etc.

A quantidade de metros cubicos que é indispensavel para assegurar completamente o consumo geral da cidade, está calculada em uns 400:000.

Actualmente apenas são distribuidos 300:000 metros cubicos.

A administração municipal occupa-se presentemente em tratar dos meios de completar a cifra de 400:000 metros cubicos, fazendo derivar para Paris as aguas de alguns mananciaes, muito mais preferiveis que as dos rios sob o ponto de vista da hygiène e da salubridade publica.

Para este effeito comprou a municipalidade no valle de Vanne os mananciaes de Cohepies, que uma vez derivados do aqueducto, fornecerão diariamente um supplemento de 40:000 metros cubicos d'agua excellente e pura.

Esta derivação, unida á das derivações parciais, a cujo estudo se procede actualmente, permitirá chegar dentro de pouco tempo a completar a alimentação de Paris por meio d'aguas de mananciaes.

Oriente.—Ultimos telegrammas: S. Petersburgo 14—O «Journal de Saint-Petersburgo» declara que a esquadra ingleza e as forças russas abandonarão simultaneamente os arredores de Constantinopla.

Londres 15—Bourk disse que os turcos occupam ainda Batoum, mas que a entrega está negociada. Os lazes apresentaram uma petição ao consul inglez de Trebisonda, declarando que arvorarão a bandeira ingleza contra os russos; entretanto a apresentação não implica a aceitação da Inglaterra.

Constantinopla 15—O embaixador russo Lobanoff annunciou á Porta a retirada

da das tropas russas nos primeiros dias da proxima semana, mas pede a retirada simultanea da esquadra ingleza. A Porta ainda não respondeu. O governo turco enviou hontem ás potencias uma circular refutando os argumentos contidos no memorandum do sr. Delyemmis e concluindo pela rejeição das exigencias da Grecia.

Vienna 15—Sendo insufficientes os accordos actuaes para a occupação austriaca, foram decididos novos planos. Linbring foi tomada por uma companhia de engenheiros. Nos desfiladeiros que conduzem a Novi-Bazar estão entrincheirados alguns milhares de armenitas. Os insurgentes, em numero de mil, estão em Delmabrikaz; a attitudé ameaçadora dos chefes albanes inquieta a Servia.

Bucharest 16—Foi publicado um decreto ordenando a redução do exercito romano ao pé de paz.

A rainha felicitou o parlamento pela sua attitudé franca, que facilitou a solução pacifica de difficuldades, e aditou que julga a paz duradoura. Disse mais que a Turquia não saiu da guerra sem perdas serias, mas que os accordos posteriores asseguraram a sua independencia contra o aggresso.

Accrescentou que a convenção do tratado com o sultão para o seu imperio asiatico é a expressão mais clara dos accordos de 1836, cuja fórma não tinha bastante efficacia na pratica. O sultão prometteu pôr em vigor as reformas necessarias para assegurar a boa administração publica.

As obras da irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

A Meza da irmandade dos Clerigos de Nossa Senhora da Lapa, d'esta mesma cidade, constituida na urgente necessidade de fazer obras nas casas, e faltando-lhe os meios pecuniarios para as poder continuar e concluir, appella para a piedade dos fieis, e especialmente dos seus irmãos, na esperança de que não deixarão de concorrer para o indicado fim com suas esmolas, as quaes serão entregues ao respectivo thesoureiro o muito revd.^o sr. José Luciano Gomes da Costa.

Braga 19 de agosto de 1878.

O secretario da irmandade

Padre João Luiz Affonso da Mouteira.

ANNUNCIOS

Reunião de Credores.

No dia 23 do corrente mez d'agosto por 9 horas da manhã se teem de reunir na sala do tribunal commercial d'esta cidade, os credores da massa fallida de José Custodio Ribeiro, alim de se fazer a divização da quantia liquidada.

Braga 14 d'agosto de 1878.

O administrador da massa

(1037) Manoel João de Faria.

Dinheiro a juros.

Na Irmandade das Almas da Sé Primaz d'esta cidade ha para dar a juro a quantia de 380\$000 reis.

O Secretario da Irmandade

(1038) Antonio Julio Telles.

Diccionario tecnico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura.

Composto pelo conselheiro Francisco d'Assis Rodrigues, professor jubilado e ex-director geral da academia real das Bellas Artes de Lisboa.

E' livro mui util aos estudiosos e principalmente aos que se applicam ás bellas artes.

Vende-se na livraria Silva, rua do Ouro, Lisboa.

CAIXEIRO.

Pertende arrumar-se um n'esta cidade, com pratica de mercearia, pode tomar-se informações do mesmo na rua de S. Domingos n.º 38. (1033)

ATTENÇÃO.

Largo de S. Miguel-o-Anjo, n.º 13.

Aluga-se um sótão, proprio para escriptorio, onde residiram os exc.^{mos} snrs. abbade de S. Pedro de Maximinos e dr. Santos.

Tracta-se na mesma casa. (1035)

AVISO.

Tendo sido por deliberação da commissão districtal de soccorros para os innundados de 1876 repartidas as sobras dos donativos pelos estabelecimentos de beneficencia—hospitaes civis de Braga, Guimarães e Barcellos, asylos de entrevados de Braga e Barcellos, asylos de mendicidade de Guimarães, asylos d'infancia desvalida de D. Pedro V e de Santa Estephania, collegios dos orfãos de S. Caetano e orfãs da Tamanca, collegio da regeneração, e creche de S. Vicente de Paulo—são avisadas as direcções dos referidos estabelecimentos, que a pesar de particularmente prevenidos, ainda não vieram ou mandaram receber a parte que lhe diz respeito, o façam o mais breve para se fecharem as contas e publical-as.

E' thesoureiro da commissão, o exc.^{mo} sr. D. Manoel Martins Alves Novaes, Deão da Sé.

Braga 12 d'agosto de 1878.

O secretario

(1031) Domingos Moreira Guimarães.

Declaração

D. Maria Julia da Silva Braga, declara para os devidos effeitos, que achando-se habilitada para negociar, por escriptura que se acha registada no Tribunal Commercial d'esta cidade, passou procuração com todos os poderes a seu marido Domingos José Alves Braga, que também se acha registada para a representar em todos os negocios que achar convenientes. (1026)

PEDIDO

A Meza da Santa Casa da Misericórdia, d'esta cidade, tendo em consideração a avultadissima despeza que está custando o fornecimento de pannos e fios para o curativo de feridas no Hospital de S. Marcos, empenha n'este acto de caridade a devoção de seus concidadãos.

O Escrivão

Dr. Domingos Moreira Guimarães. (1002)

VENDA DE CASAS

No largo da Ponte de S. João ao entrar na rua do Paemante (lado esquerdo) vendem-se as duas moradas de casas construidas de novo, juntas ou separadas; trata-se na rua de S. Marcos com Antonio Silverio de Paiva.

Arrenda-se na rua de S. Marcos, o andar superior da casa que habita Antonio Silverio de Paiva, em frente ao convento dos Remedios. Prefere-se uma senhora de probidade com creada, ou ecclesiastico idoso. Póde ver-se a qualquer hora. (916)

DINHEIRO A JURO

Até á quantia de 250:000 réis dá-se sobre hypoteca na confraria de Santo Amaro da Sé Primaz.

Trata-se com o secretario da mesma, padre Francisco Lobo, na rua do Poço d'esta cidade. 1014

ARRENDASE o 2.º andar da casa n.º 11 em a rua das agoas d'esta cidade. Trata-se com seu dono na mesma. (984)

PROMISSORIAS do Banco Commercial de Braga

Compram-se em casa de Valença, Filho & C.ª, á Galeria, Braga. (1022)

Vende-se uma morada de casas sita na rua da Cruz de Pedra n.º 6 a 6 A, de 2 andares, aguas furtadas, lojas, sotto, quintal e agua.

Trata-se com Francisco Martins da Silva Araújo, morador na mesma rua, casa n.º 7, contigua áquella. (862)

